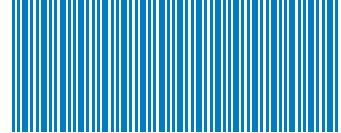




Veras entrevista Ana Maria Machado

Livros, histórias, memórias e leituras

Em 2025 a escritora Ana Maria Machado recebeu o Prêmio Jabuti de Personalidade Literária do Ano, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Tendo já recebido três prêmios Jabuti por obras de literatura infantil e juvenil no passado (*História Meio ao Contrário*, em 1978; *Esta Força Estranha*, em 1997; *Fiz Voar meu Chapéu*, em 2000), a honraria recebida deste ano se soma a várias outras premiações e reconhecimentos que a escritora angariou ao longo de quase cinco décadas de produção, como o prestigioso Prêmio Hans Christian Andersen, em 2000, pelo conjunto da obra. Com mais de cem títulos publicados, entre histórias infantis e juvenis, romances para adultos, livros de

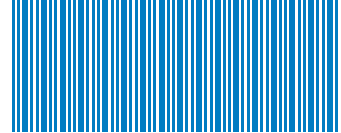


contos e ensaios, traduzida em mais de 20 países, Ana Maria Machado se consolidou como um dos principais nomes do *boom* da literatura infantil e juvenil que teve início nos anos 1970 e que transformou radicalmente o cenário dos livros “que também podem ser lidos por crianças e jovens” no Brasil. Desde 1977, quando publicou *Bento Que Bento É o Frade* e *História Meio ao Contrário*, a escritora nascida no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, vem expandindo seu público, do nicho mais restrito das produções para o público infantil (onde começou sua carreira como escritora, abandonando aos poucos uma trajetória bem-sucedida como jornalista) à produção para leitores adultos.

Nesta entrevista, concedida ao longo de duas manhãs de novembro à revista **Veras**, a escritora reflete sobre as mudanças que presenciou no cenário editorial brasileiro de um ponto de vista privilegiado, pois já esteve em todas as etapas de produção editorial, tendo sido, além de uma prolífica autora, editora e proprietária de livraria. Ao longo de sua longa carreira, Ana Maria Machado experimentou diversos gêneros literários, conheceu muitos sucessos, sofreu com algumas traduções, resgatou personalidades históricas (como a feminista pioneira Eufrásia Teixeira Leite) e se arriscou por temas até então pouco explorados, como o racismo na sociedade brasileira e os conflitos geracionais. A conversa rendeu também reflexões da autora sobre traduções e adaptações, a força da tradição oral e o papel transgressor da literatura infantil durante o período da ditadura (“os censores não entendiam literatura infantil”), além de repassar sua rica trajetória como leitora, desde seus primeiros livros até os que hoje estão em sua mesa de cabeceira.

Por Ricardo Prado, editor da revista *Veras*.

Veras: *No seu livro Rastros e Riscos há várias histórias de crianças arrebatadas pela leitura, crianças que, de repente, descobrem o universo dos livros por meio de uma história. Isso me lembrou uma frase do Monteiro Lobato, que eu acho muito bonita, em que ele fala que queria escrever livros em que as crianças pudessem morar dentro deles, como ele morou no Robinson Crusóe quando era pequeno. Então, a minha primeira pergunta: lá no começo da sua trajetória como leitora, porque parece que você aprendeu a ler com 5 anos, quais foram os livros em que você “morou”?*



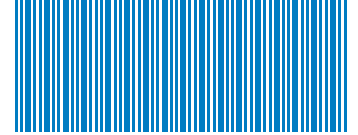
Ana Maria Machado: Com 5 anos eu comecei a ler, mas não estava lendo livros ainda nos quais eu morasse. Nós não tínhamos essa variedade de livros infantis curtos; tínhamos livros de mais fôlego. Então, quando comecei a ler, eu lia mais revistas como *O Tico-Tico*, por exemplo. Mas logo em seguida, com uns 7 anos, os livros nos quais eu morei foram os do Lobato, exatamente. Foi o *Sítio do Picapau Amarelo* e todos os outros depois: *Saci*, *Caçadas de Pedrinho*, vários outros que são questionados hoje. Reconheço que, em alguns aspectos, eles não envelhecem bem (isso a gente pode, no decorrer da conversa, esmiuçar, se for o caso), mas foram os primeiros livros em que eu morei. Em seguida, depois de ler o Lobato todo, porque tinha atrás a lista dos livros pela ordem, e eu ficava vendo qual faltava, pedindo para ler, acho que a série do Mark Twain foi para onde eu me mudei: *As Aventuras de Tom Sawyer*, *As Aventuras de Huckleberry Finn*, e mesmo *O Príncipe e o Mendigo*, *Um lanque na Corte do Rei Arthur...* os livros do Mark Twain, em geral, foram de onde eu saí e fui lendo outros livros de aventura. *Robinson Crusóé* foi um deles, claro. Era um livro emblemático.

Veras: *E nessa primeira infância, houve alguma contadora de histórias? Alguém que, de alguma forma, te passou o gosto pelas histórias da tradição oral também?*

Ana Maria Machado: Era isso que eu ia falar. Para mim foi muito poderosa a tradição oral. A minha avó só foi alfabetizada depois que casou e...

Veras: *Essa é a avó Rita?*

Ana Maria Machado: Sim, minha avó materna. Ela vinha do norte do Espírito Santo. Quando casou com o meu avô, já era o segundo casamento dele, que tinha ficado viúvo. Já tinha três crianças do primeiro casamento dele, que ela ajudou a criar, e mais os filhos que ela mesma teve. E para todos contou histórias. Meu avô ensinou minha avó a ler quando ela tinha 24 anos de idade. Eu tenho até hoje um caderno de caligrafia dela, na letreirinha dela. E as histórias que ela contava eram basicamente histórias de tradição oral, muito poderosas: histórias de Pedro Malasarte, de assombração... enfim, várias. Minha mãe também tinha esse repertório muito forte, herdado dela. E me contava quando eu era criança. Então, além desses livros que falei, respondendo à sua pergunta sobre os livros em que “morei”, eu tinha vários de tradição oral que já estavam sendo postos em livros. Havia uma coleção da Melhoramentos, “Horas Felizes”, que tinha *Os Três Porquinhos*. Lembro desse livro, das ilustrações; livros que eu via com minha mãe, como *A Galinha Ruiva*, e livros tradicionais assim. E, além disso, tinha



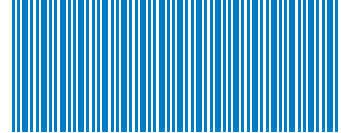
uma coleção pequenininha da Melhoramentos que tinha *Branca de Neve*, *O Patinho Feio*, *Os Cisnes Selvagens*, enfim, vários de Grimm e Perrault, que estavam ali; *Chapeuzinho Vermelho*, tudo isso. Então, não só essas histórias eram contadas por minha avó e minha mãe, minha avó basicamente nas férias, porque morava no Espírito Santo e a gente passava o verão lá, e minha mãe em casa. Eu tive um repertório muito grande de histórias de tradição oral.

Veras: *E como era o acesso aos livros na sua infância? Seu pai era jornalista, não é? E a sua mãe, trabalhava? Qual era a relação dos dois com os livros?*

Ana Maria Machado: A minha mãe acho que provavelmente tenha sido mais leitora que meu pai, talvez. Ele voltou a estudar depois. Como ele lia muito, porque lia desde antes, teve uma escola com uma professora muito exigente, muito boa, dona Hilda. Eu sei o nome até hoje porque ele falava nela, marcou muito. Eu sei o nome das professoras marcantes dos meus pais: dona Hilda, do papai; e dona Júlia, da mamãe. Eles falavam muito delas. Mas meu pai foi muito autodidata. Desde muito cedo, procurou ler à medida que foi começando a trabalhar... Ele trabalhava num posto de gasolina, tinha deixado de ir à escola, e recuperou lendo muito. Ele foi trabalhar em jornal, fazer política, e lia, lia muito. Nós tínhamos livros em casa, ele trazia muito livro. E a minha mãe tinha loucura para ser microbiologista, ela queria estudar ciências, e, como não tinha faculdade de Biologia em Vitória, foi estudar Farmácia, que era a coisa mais próxima. Ela se formou em Farmácia em Vitória e continuou estudando; entrou no curso de Direito depois. E acabou se formando em Direito já casada com meu pai, morando no Rio. E eu já tinha nascido. Ela vinha de um ambiente leitor: meu avô tinha uma grande biblioteca, o possível para a época. E em casa nós sempre compramos livro a prazo. Livro vendido de porta em porta, que era muito comum na ocasião, e frequentávamos a biblioteca. A mamãe, quando veio para o Rio, conseguiu uma transferência para a Biblioteca Nacional. Então eu tinha tanto a tradição oral quanto os livros em casa e o hábito de frequentar a biblioteca. Foram três coisas cruciais para a minha formação.

Veras: *No caso da Biblioteca Nacional, onde sua mãe trabalhava, ia com que frequência? Toda semana?*

Ana Maria Machado: Eu lembro de ir com ela a lugares da biblioteca onde havia muitos livros, mas não lembro bem onde era, eu era criança. Mas lembro dela trazer livros pra casa, às vezes desses contos



de fadas, e ler pra mim, dizendo: “Cuidado, isso aqui a gente tem que devolver à biblioteca”. Então isso existia muito.

Veras: *Na sua juventude, você demonstra um interesse especial pelas artes plásticas, chegou a fazer algumas exposições. Esse início nas artes plásticas, de alguma forma, ajudou depois quando se tornou autora de livro infantil? Já estava escrevendo suas primeiras histórias infantis, ou isso aparece só depois, com a Recreio?*

Ana Maria Machado: Isso só aparece depois. Eu nunca tinha pensado em ser escritora, nem infantil, nem de adulto, nada disso. Eu queria ser professora, era outra coisa. E essa coisa da pintura, que me atraiu muito, das artes plásticas, me marcou muito. Acho que foi marcante. Eu não seria uma criadora se não tivesse estudado pintura, feito o ateliê do Lourival Carvalho, no Museu de Arte Moderna [do Rio de Janeiro]. Ele foi crucial para a minha formação como artista. Fiz três anos, com aulas, encontros semanais, duas vezes por semana.

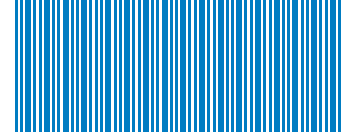
Veras: *Enquanto você estava fazendo faculdade?*

Ana Maria Machado: Não, isso foi entre 1957 e 59, eu estava fazendo o Ensino Médio. Ele tinha uma atitude de autocrítica permanente, foi isso que aprendi com ele. O curso não era tanto de fazer exercício em aula. Nós trabalhávamos em casa; era um grupo pequeno de alunos. Cada aluno levava o que tinha feito durante a semana, punha diante da turma, e todos nos manifestávamos sobre aquele trabalho, criticando. E ele depois retomava. E esse sistema fazia com que cada vez que eu fazia um trabalho, pintava alguma coisa, ficasse imaginando o que os outros iam dizer –e o que eu mesma diria se estivesse falando do trabalho alheio. E tentava corrigir: “Essa composição está ruim”, “Aqui está óbvio”, “A textura está pouco controlada” etc. Tudo relativo à arte visual, mas que criou quase um automatismo de autocrítica. E isso foi fundamental pela vida afora. Eu não seria a criadora que fui se não tivesse tido esse artista maravilhoso, Lourival de Carvalho.

Veras: *Passando para o início de sua carreira como escritora infantil, a primeira história sua publicada foi em 1969, se não me engano, na revista Recreio. Como é que surgiu esse convite?*

Ana Maria Machado: A primeira, de 69, foi rejeitada; a primeira a ser publicada foi em 1970.

Veras: *Ah, é? Como é que você lidou com isso? Chegou a publicar depois essa história ou nunca publicou?*



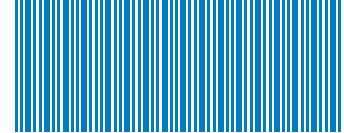
Ana Maria Machado: Eu tinha perdido essa história até muito recentemente, quando – justamente, como eu disse, estou organizando papéis para doar os arquivos para a Academia [*Brasileira de Letras-ABL*] – esse rascunho apareceu e eu vi. Ainda bem que não foi publicada! Mas, ao mesmo tempo, me dei conta de uma coisa da qual eu não tinha noção: aquele tema reapareceu 30 ou 40 anos depois em outro livro, bem desenvolvido e bem criado.

Veras: *Qual livro?*

Ana Maria Machado: Um que se chama *Quem Me Dera*. É um livro infantil.

Veras: *Agora, como aconteceu esse convite da revista Recreio? O que levou alguém a pensar: “Quem sabe essa jornalista aqui seja uma escritora em potencial?”*

Ana Maria Machado: Veio pela Sônia Robato, que é autora (ela depois não ficou muito na literatura infantil). Naquele momento ela trabalhava como editora num projeto da Editora Abril, que queria criar uma revista infantil que não fosse de quadrinhos, para crianças de mais ou menos 6, 7, 8 anos, recém-alfabetizadas. E a Sônia... eu a conheci em São Paulo, num tempo em que morei lá. Nessa época já estava morando no Rio. Ela me telefonou e explicou que estavam criando essa revista e que a exigência era: uma linguagem nova, que não fosse, na expressão dela, “tati-bitati” nem “nhen-nhen-nhem”. E queria que eu tentasse escrever uma história. Aí eu disse: “Ah, mas eu não sei escrever isso”. Eu estava dando aula na faculdade, de literatura, de teoria literária, no meio de algo muito sofisticado de linguagem. “Eu não sei fazer isso”. Ela disse: “Não, você sabe. Você sabe contar caso. E você foi selecionada”. Eu perguntei: “Selecionada como?” Ela disse que tinham procurado alguns amigos, olheiros da Editora Abril (a grande editora na ocasião, que editava a Disney e a *Veja*). E que viram em diferentes faculdades do Rio e São Paulo professores de humanas cujos alunos matavam aula muito pouco. Partiram do pressuposto de que eram pessoas que sabiam se comunicar com jovens. Eu era muito jovem, não tinha 30 anos. Então talvez tivesse uma linguagem muito próxima dos alunos ainda. Quando fiz a primeira tentativa, e ela foi rejeitada, a Sônia devolveu e disse: “Não é nada disso. A linguagem está boa, mas não escreve o que você acha que deve ser; escreve o que você é capaz de escrever”. Um conselho maravilhoso, mas que me deixou perplexa. Ela me fez tirar do radar a intenção. Deixar de ser intencional. Deixar brotar um pouco da vivência.



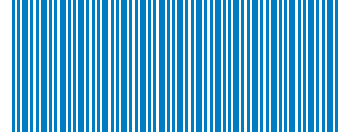
Veras: *De alguma forma ela teria identificado um didatismo, uma intenção didática, que ela queria tirar...*

Ana Maria Machado: Quando reli depois, vi que tinha mesmo um didatismo claro. E a história, como ficou depois, *Quem Me Dera*, não tem nenhum didatismo. Então era isso. Aí fiquei pensando nas histórias que eu gostava de ouvir da minha avó, que eram da tradição oral, não eram Grimm e Perrault, como as da minha mãe. As da vovó eram um mundo que eu não sabia de onde vinha. Então perguntei pra mamãe quais eram as histórias. Ela disse que eu lembrava muito de um personagem chamado Miguelzinho, que ela me contava e que eu adorava. Perguntei: “Mãe, você lembra de alguma história do Miguelzinho?” Ela riu e disse: “Claro que lembro. Miguelzinho era você”. Eu: “Como eu?” E ela explicou: se você ia ao médico, o Miguelzinho ia ao médico; se você ia ao aniversário, o Miguelzinho ia ao aniversário. Eram as minhas vivências contadas como histórias. Isso foi uma surpresa absoluta. E me apontou um caminho. Eu estava em 1969 quando escrevi a primeira história para a *Recreio* e que nem chegou a ser publicada. Trabalhamos inúmeros números zero da revista, que não saíram. Só a partir de 1970 começaram a ser publicados.

Veras: *E qual foi a sua primeira história publicada?*

Ana Maria Machado: A primeira história que fiz foi *Quem É o Pato?* Eu falei do patinho agora porque lembrei: meu filho Rodrigo era pequenino – nasceu em 67, tinha 2 anos – e estava naquela fase comum de criança que não gosta de interromper a brincadeira. Eu dizia: “Vamos, é hora do banho”. Ele dizia: “Agora não”. Ia chorando. Chegava lá, ficava feliz. Depois não queria sair da água... Aí, um ou dois dias antes, eu tinha perguntado: “Por que você não quer ir tomar banho? Você tem medo? Acha a água muito molhada?” Ele deu uma gargalhada. Aí lembrei do Miguelzinho: o Miguelzinho é um patinho que acha a água muito molhada. E comecei a desenvolver a história. A rotina, os outros patos entrando no lago, e ele não. Ele ficava debaixo da árvore lendo. E o que ele lia? *O Patinho Feio*, *Os Cisnes Selvagens*... referências do universo do Rodrigo. Enquanto os outros estavam brincando, ele estava lendo. Aí um pintinho, com quem ele jogava futebol, cai na água e não sabia nadar. Ele sabia. Ele pula para salvar. E assim descobre que a água é gostosa... A história era simples. Mas isso me deu o caminho. Situação do cotidiano. Linguagem ao alcance da criança. Intertextualidade de montão.

Veras: *Que é uma característica sua, não? Você sempre traz esses clássicos...*



Ana Maria Machado: Na época não me dei conta. Relendo anos depois, vi que estava tudo ali. E também uma visão de mundo altruísta, solidária, sem mensagem explícita, mas presente. Foi assim que comecei.

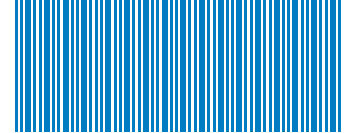
Veras: *No início dos anos 1970 você vai morar nos Estados Unidos. Como foi a experiência de viver em outro lugar, imersa em outra cultura? Isso interferiu na sua literatura?*

Ana Maria Machado: Eu morei fora duas vezes, mas essa primeira foi exatamente nesse momento, de 1970 até 1972. Então, a minha entrada na literatura aconteceu um pouco aos trancos e barrancos, né? Fiz dois livros antes de ir embora, mas fui embora logo no início. E, lá fora, eu tinha dois filhos pequenos. O Cláudio nasceu em Washington. Por outro lado, eu estava numa universidade muito forte, muito poderosa, a Georgetown. E tinha bolsa de estudos, tinha tempo para estudar. E aí a minha formação intelectual se deu fora do Brasil. Eu, que tinha saído da PUC, tinha tido mestrado na PUC, tinha deixado a PUC por conta do AI-5, e justamente tinha aceitado fazer um trabalho no Museu de Arte Moderna, de educação no museu, e tive que parar porque fui embora, acabei tendo outra formação lá fora. A experiência de viver fora sempre marca; muda muito a percepção das coisas. E, no caso da literatura infantil, acho que teve muita influência também. Por exemplo, meus filhos estudaram numa escola da Universidade de Washington, e eu vi como eles tratavam as crianças pequenas. A literatura infantil ali era muito viva. Comecei a ver que aquilo era levado a sério. Que tinha que ter ilustração de primeira, que tinha que ter respeito pela criança e pela inteligência da criança. Aquilo me marcou muito. Mas também houve um outro aspecto: comecei a perceber que havia duas literaturas infantis no mundo, a anglo-saxônica, que eu estava vivenciando, e, depois, quando fui viver na Europa, descobri a literatura infantil francesa. E aí comecei a ver que havia certas diferenças.

Veras: *Por exemplo?*

Ana Maria Machado: A anglo-saxônica é muito literária e brinca muito com a linguagem. *Alice no País das Maravilhas* é a matriz disso, né? Mas até livros contemporâneos.

A francesa, que depois tive a oportunidade de ver melhor, é mais filosófica, mais reflexiva, mais conceitual. A brasileira está mais próxima da francesa, eu acho. Menos brincalhona com a linguagem do que a anglo-saxônica. E ali comecei a ver um mundo, uma profissionalização, uma visão global da literatura infantil que o Brasil, naquele momento, ainda não tinha.



Veras: *E isso faz diferença, por exemplo, quando você retorna? Ou seja, você volta já com uma outra cabeça?*

Ana Maria Machado: Acho que sim. Quando eu estava chegando ao Brasil, comecei a escrever já o que acho que foi o meu melhor livro da época: *Bisa Bia, Bisa Bel*. Comecei a escrever ainda em Washington e terminei ao voltar. A minha cabeça estava funcionando com uma percepção internacional da literatura infantil. Estava vendo como livros eram feitos, como editoras de outros lugares trabalhavam, e como quase tudo no Brasil estava atrasado. Então eu escrevia com uma atenção diferente. Mas é curioso que não comecei pela literatura infantil. Comecei escrevendo literatura infantil porque estava lá fora, com filhos pequenos. Se eu tivesse ficado aqui, talvez tivesse continuado como professora de literatura...

Veras: *E quando você volta ao Brasil, como é que acontece sua entrada na Civilização Brasileira?*

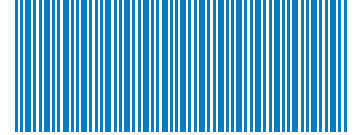
Ana Maria Machado: Foi por causa do Ênio Silveira, porque eu tinha tentado publicar um livro que escrevi lá fora, *O Barquinho Amarelo*. Mandei para ele, sem conhecê-lo. E ele respondeu com uma carta manuscrita (que, aliás, está nos arquivos da academia também), uma carta carinhosa, dizendo que o livro era muito bom, que ele queria publicar, mas que a ilustradora não estava à altura do texto. E eu achei aquilo extraordinário porque, naquela época, ninguém dizia isso. Editor brasileiro nenhum dizia: “Seu texto é bom, mas a ilustração não está à altura”. Isso era impensável. Aí, quando voltei ao Brasil, fui procurá-lo. Levei o *Bisa Bia, Bisa Bel*, que eu tinha terminado. Ele leu e disse: “É isso. Vamos publicar”.

E assim começou a minha relação com a Civilização Brasileira. O Ênio, além de ser um grande editor, era um homem muito preocupado com a formação do leitor, com a cultura brasileira. Ele recebia jovem escritor. Ele orientava. Ele conversava. Ele discutia o texto.

Era impressionante. Às vezes me perguntam: “Que conselhos você daria para editores?” Eu digo: “Sejam como o Ênio Silveira”. Ele dizia: “O texto é bom, mas pode melhorar aqui”. E mostrava. Ele tinha uma leitura crítica. Tinha generosidade, tinha rigor, tinha tudo.

Veras: *E como foi a recepção de Bisa Bia, Bisa Bel? Você percebeu que ali havia um reconhecimento diferente, ou foi algo gradual?*

Ana Maria Machado: Não, foi imediato. O livro teve uma recepção muito boa. Eu não tinha ideia de que ele ia ter a repercussão que teve. Logo de início começaram a sair críticas muito elogiosas. De fato, foi



um livro que mudou minha vida. Até hoje ele é muito lido. Até hoje é adotado. Até hoje me escrevem por causa dele.

Veras: *E você tem uma explicação pessoal para essa permanência do Bisa Bia, Bisa Bel? O que acha que ele toca que permanece?*

Ana Maria Machado: Acho que tem a ver com identidade, né? A busca de si mesma. O diálogo entre passado e presente. A conversa com ancestrais. É um tema universal.

E é um tema que, naquela época, era muito pouco tratado na literatura infantil. E também, isso é impressão minha, ele tem um lado meio mágico, mas muito concreto ao mesmo tempo. As relações familiares, as tensões, as heranças culturais... tudo aquilo estava ali. E aí apareceram convites, apareceram trabalhos, apareceram possibilidades. Mas eu nunca planejei nada disso. Nunca pensei: “Vou ser escritora profissional”. Eu fui levada pelas circunstâncias.

Veras: *Nós estamos falando aí, ainda, da década de 1970. A literatura infantil brasileira vive uma explosão nesse período: a sua obra, a obra do Ziraldo, da Ruth Rocha, da Lygia Bojunga, do Joel Rufino... enfim, uma geração muito forte. Você tem uma leitura sua sobre o que aconteceu para que esse movimento se desse naquela época?*

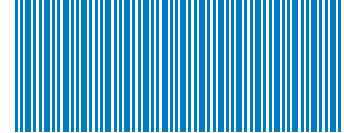
Ana Maria Machado: Acho que existem vários fatores. Primeiro, o país estava mudando muito. A educação estava mudando. E havia um vazio: não havia literatura infantil brasileira contemporânea de qualidade suficiente para acompanhar aquela nova demanda. Depois, os livros traduzidos estavam chegando com muita força. A Editora Abril, por exemplo, tinha a Disney, tinha a *Recreio*, tinha outras coleções. Isso tudo mexia com o mercado.

E aí os autores brasileiros começaram a ocupar espaço. Além disso, há um fator importante: a censura. A literatura infantil virou um lugar de liberdade relativa. Porque os censores não entendiam literatura infantil. Então, você podia dizer coisas que, na literatura adulta, não podia.

Veras: *Isso é interessantíssimo. Você tem algum exemplo?*

Ana Maria Machado: Posso te dar um exemplo que não é meu, é da Ruth Rocha.

Em *Marcelo, Marmelo, Martelo*, tem uma hora que o Marcelo diz: “Mas quem é que manda aqui?” E alguém responde: “Aqui ninguém manda”. Isso, para um censor da época, seria perigoso se estivesse num texto adulto, mas, como era criança falando, passava. A literatura infantil virou um espaço de resistência. A Ruth, o Ziraldo, o Joel, a Lygia... todos nós fomos beneficiados por esse espaço.



Veras: *Avançando um pouquinho, você começa a fazer traduções, a fazer jornalismo, começa a atuar de forma mais visível... Isso já vem da sua formação universitária mesmo, não é? Esse desejo de atuar no campo da linguagem de múltiplas formas?*

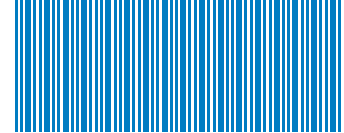
Ana Maria Machado: Sim. Eu sempre tive muito interesse em linguagem – oral, escrita, visual. E também tinha uma necessidade, vamos dizer, prática: precisava trabalhar. Tinha filhos, tinha casa, tinha tudo isso. Então eu fazia o que aparecia, desde que fosse dentro da área de comunicação, da área de cultura. A tradução foi uma consequência natural do meu estudo de literatura. E jornalismo... eu já tinha começado antes. Eu tinha trabalhado no *Jornal do Brasil* antes de dar aula na PUC, também, na *Manchete*. Então aquilo fazia parte da minha vida. E, vivendo fora, eu fazia *free-lancer* para o *Jornal do Brasil*, fazia matérias culturais, fazia entrevistas. Tudo isso se misturava com o que eu lia, com o que eu estudava.

Veras: *E, nesse momento, você começa, imagino, a desenvolver uma reflexão sua sobre o que é literatura infantil, sobre teoria da literatura infantil. Pergunto porque mais tarde você. vai escrever livros muito importantes sobre isso, não é?*

Ana Maria Machado: Sim, mas isso veio muito depois. No começo, eu não pensava nisso teoricamente. Eu escrevia porque tinha as histórias. Eu vivia as histórias. Eu tinha os filhos pequenos, via o cotidiano, via a escola, via o mundo da infância muito de perto. A reflexão teórica veio depois, quando comecei a ser chamada para dar cursos, palestras, conferências. Aí percebi que precisava organizar o pensamento, sistematizar o que eu tinha aprendido empiricamente.

Veras: *E surgem livros como Texturas, Rastros e Riscos, Como Eu Me Tornei Assim... Eles parecem nascer justamente desse lugar da reflexão a posteriori.*

Ana Maria Machado: Exatamente. Eu não comecei teorizando para depois escrever literatura infantil. Foi o contrário: primeiro escrevi muito, vivi muito. E depois pensei: “O que estou fazendo? Por que funciona? Por que não funciona?” E aí saíram esses livros. *Texturas*, por exemplo, nasceu de uma necessidade de entender as pontes entre texto e imagem. *Rastros e Riscos* é muito memorialístico, muito autorreflexivo. E *Como Eu Me Tornei Assim* é mais ensaístico, mais estruturado.

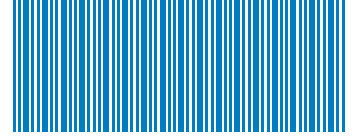


Veras: *Eu tenho a sensação, lendo Rastros e Riscos, de que é quase uma arqueologia da leitura, você revisitando suas origens, suas camadas de leituras...*

Ana Maria Machado: Foi exatamente isso. Eu tinha uma curiosidade profunda sobre de onde viemos como leitores. Porque a gente se forma leitor muito cedo e, ao mesmo tempo, não sabe direito como. Quando comecei a preparar os papéis para a academia, isso ficou muito forte. E o livro, de certa forma, nasceu desse desejo de entender as raízes.

Veras: *Sobre Bisa Bia, Bisa Bel, um de seus livros mais conhecidos, no final dele você menciona que estava com muita saudade das suas avós, especialmente da sua avó Rita, quando escreveu essa história. A presença da avó já estava prevista desde o início? Porque me parece que primeiro havia só a relação da personagem com a bisavó. Já tinha essa ideia de fazer a personagem também prospectar o futuro?*

Ana Maria Machado: Essas coisas não são muito conscientes. Uma ideia vai puxando outra. Às vezes, você para porque as ideias não vêm mais naquele dia, e no dia seguinte continua. Eu tinha vontade de escrever sobre minhas avós, sobre a vovó Ritinha, especialmente. E me dei conta de que eu nunca tinha contado quem era essa minha avó. Eu falava de vez em quando nela, mas não tinha escrito nada. Essa ideia existia. Mas eu estava há algum tempo sem escrever nada, muito preocupada com a minha irmã, Beatriz, que tinha sido diagnosticada com uma doença muito grave. E eu sabia que era uma doença degenerativa, daquelas em que no máximo se consegue prolongar a vida, mas em condições difíceis. Eu estava muito preocupada com a Bia, por isso não escrevia. E estava dando muitos cursos, muitas palestras. Aí, um dia, em uma escola enorme, um colégio de freiras grande, uma menina quis fazer cinco ou seis perguntas, de tal profundidade, que fiquei impressionada. Isso ficou ecoando em mim e acho que acabou indo parar nesse livro. E por que isso me impressionou tanto? Porque ela perguntava. E não eram perguntas simples. E no livro eu pus a frase que devia ser a frase natural depois desse sábado, sabe? “Vou lhe contar uma coisa que ninguém desconfia”. Parei de novo. E daí? O que eu vi depois? Qual é o segredo que não consigo falar agora? Tinha algo ali que eu não sabia escrever. Eu não consigo falar porque só penso na Beatriz... A Bia está dentro do meu coração, a Bia mora em mim nesse momento. E aí me ocorreu... “Neném”. Era como todo mundo chamava minha outra avó: a vovó Neném. E com a vovó Neném era diferente... ela queria explicar coisas, dar aulas, corrigir, entendeu?



Veras: *Essa era a avó paterna?*

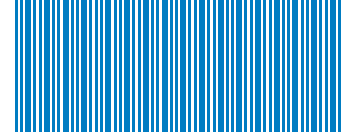
Ana Maria Machado: A avó paterna. E ela não era como a Ritinha. Era dura. Mas depois eu descobri que escrevia nos jornais sob pseudônimo, era sufragista, era uma combativa, uma pessoa muito mais complexa. Dessas misturas nasceu o *Bisa Bia*. Eu comecei a desenvolver, e não sabia onde aquilo ia parar. Aí misturei com outro elemento, porque eu tinha ido algum tempo antes a uma Bienal em São Paulo e fiquei hospedada em casa da Ruth Rocha, que é minha ex-cunhada. Eu conheci Ruth lá no começo, antes de nós virarmos escritoras. Fiquei hospedada na casa dela, e quando nós estávamos saindo numa noite, estávamos na calçada esperando o Eduardo, marido dela, manobrar o carro, na frente da casa deles tinha um anúncio em neon, com as rosinhas em neon lilás, e as letras “Casa de Carnes Coração de Maria”. E aquilo piscava, piscava... Fiquei na calçada vendo aquilo, que era tão surrealista, e de noite, depois que nós voltamos, acordei no meio da noite e vi que tinha sonhado com um coração que piscava e dentro desse coração aparecia uma menina antiga. É que a Ruth tinha feito na casa dela um cantinho que tinha uns porta-retratos ovais. E uma dessas meninas que estava lá era a bisavó dos meus filhos, ou seja, a avó da Ruth e do Álvaro. E eu sonhei com essa foto piscando. Então, a foto foi um elemento que apareceu logo no começo do livro.

Veras: *Eu acho esse livro incrível porque ele tem uma coisa um pouco borgeana, essa brincadeira com o tempo, de você ter um tempo lá na frente, a menina aqui no presente, o outro tempo lá no passado. No livro, você lida com esses três tempos simultaneamente.*

Ana Maria Machado: Mas eu acho que isso é um pouco também uma visão de mundo, de achar que nem tudo que a gente ensina e aprende tem que vir dos avós. Tem muito respeito por eles, mas a gente tem que ensinar lá pra trás também. O mundo melhora.

Veras: *Queria agora passar para outro livro seu que foi um marco: Menina Bonita do Laço de Fita. Esse talvez tenha sido seu livro que gerou maior repercussão. Por quê?*

Ana Maria Machado: É porque ninguém, que eu saiba, tinha escrito na literatura infantil brasileira um livro com essa linguagem de brincadeira, e essa valorização tão intensa da beleza negra, da herança afro etc. E, como sempre, essa história nasceu de uma situação doméstica minha. Em julho de 1983 nasceu a minha filha Luiza. E eu tinha dois filhos do primeiro casamento. Desse primeiro casamento com o Álvaro [Machado], os meninos são mais morenos, da minha cor, moreno brasileiro, que não é moreno afrodescendente, mas é moreno, enfim.

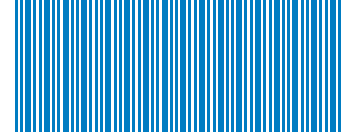


Depois a gente viu que temos indígenas lá atrás, de um lado, e do outro da família, povos diferentes e tudo mais, mas não tinha herança africana. E a Luísa nasceu do meu segundo casamento com o Lourenço [Baeta], que é descendente, por um lado, de indígenas goitacazes, e, por outro, de italianos. Então, a Luísa, quando nasceu, era muito mais branca do que os dois irmãos mais velhos. Eles tinham comprado numa feira de artesanato, com a mesadinha deles, um coelhinho para ela. E era o brinquedo com que eles brincavam com ela no berço. Então, um chegava, pegava o coelhinho, segurava, fazia cócega na barriga dela e dizia: “Ai, que menina bonita, ai, menina bonita!” E ela ria da cosquinha. E um dia, um deles perguntou: “Ai, como é que você foi sair tão branquela?” E ela riu muito. Foram as primeiras risadinhas dela. Então, isso virou um mantra. Todo dia eles cumprimentavam: “Oi menina branquela, como é que tá?”, fazendo voz de coelho, como se o coelho perguntasse a ela. E aí, o Pedro, que é muito palhaço, muito brincalhão (depois virou ator, bailarino etc.), dizia: “É porque a mamãe passou açúcar em mim”, que era uma música que o Simonal cantava, que tinha esse estribilho. E ela ria de novo. Aí eu perguntava: “Por que foi?” “É porque meu irmão botou muito talco em mim”, “É porque comi muito arroz”, e começou a ter uma série de explicações de por que aquilo... Por que ela era tão branquela? E isso foi virando quase uma música, porque tinha um ritmo que eles faziam. Eu vi que essa era uma história, mas uma menina branca já tem a Branca de Neve... Eu disse: “Bom, tem que ser uma menina preta, que é a menina brasileira, por excelência, e a gente não cultua isso, não temos contos de fadas com menina preta”. Então, comecei a mudar... comer muito feijão, cair na tinta preta, enfim, todas as explicações que criavam o desenvolvimento da história. Eu estava devendo uma história para uma outra revista, chamada *Alegria*, e já estava atrasada porque eu estava amamentando, com criança pequena, um monte de coisas, e tinha que entregar uma história. Então, escrevi a história da *Menina Bonita do Laço de Fita*, que foi publicada primeiro nessa revista e depois em livro.

Veras: *Já com a ilustração do Claudius?*

Ana Maria Machado: Não, com a ilustração do Walter Ono. Isso é outra coisa muito brasileira. Nesse livro nós tínhamos um descendente japonês desenhando a história de uma menina descendente de africanos, escrita por uma descendente de indígenas e europeus, que sou eu. Depois, para o livro, entrou o Claudius, que é nascido na Itália.

Veras: *Esse livro ultimamente vem sofrendo algumas críticas de movimentos negros, dizendo que, de certa forma, ele reforçaria alguns*

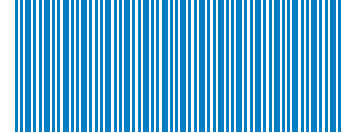


estereótipos, ou que induziria uma idealização da miscigenação. Como que você reage a esse tipo de crítica que começou a aparecer em relação a esse livro nos últimos anos?

Ana Maria Machado: Eu acho que o leitor é soberano. Ele reage como bem entender a cada livro que lê. Se ele quer ler assim, leia outro livro e vá procurar um outro que dê a ele o que ele quer. Ou se abra para ver alguma possibilidade de leitura diferente nesse. Uma alegria que tive recentemente foi ir a uma escola da periferia de São Paulo, que me convidou para uma conversa com a turma toda, e eles tinham levantado 10 ou 12 livros meus que tratam da questão dos afrodescendentes, para idades diferentes, de modos diferentes, e comentavam todos eles. E de uma maneira muito enriquecedora, muito boa. Então, tinha *Todos Lá Têm Segredos*, *Outro Mundo*, *Mistério da Ilha*, para os pequenininhos *Boladas e Amigos*. Enfim, esse é um tema que fez parte da minha vida. Eu fui criada, grande parte da minha vida, em Manguinhos, no Espírito Santo, convivendo o tempo todo com os filhos de pescadores, dormindo em casa deles e eles dormindo em casa. Eu tenho uma vivência brasileira. Então, quem quiser ler outra coisa... não é o que eu pensei, mas meus livros não são livros de mensagens e de recados, são livros que têm a possibilidade de detonar potencialmente reflexões. Fico triste às vezes com certas interpretações que vejo, mas realmente não há nada que eu possa fazer. Não vou mudar o livro agora para cada leitor.

Veras: *Querida falar um pouco sobre adaptações e traduções. Você, inclusive, foi professora de tradução. E traduziu, por exemplo, Alice no País das Maravilhas, além de várias adaptações. Primeiro, o que define se tal obra será uma adaptação ou uma tradução? E, você como escritora, o que prefere fazer, traduções ou adaptações?*

Ana Maria Machado: São coisas diferentes, muito diferentes. E não sou eu que defino, isso geralmente vem dos editores. Eu aceito ou não, dependendo do caso. Muitas vezes sou eu que proponho. Eu acho que pegar um *Robinson Crusoe* de 500 páginas e traduzir aquilo para criança é um absurdo. Eu não faria isso nunca. Se eu fosse trabalhar com *Robinson Crusoe*, ia fazer uma adaptação. Muitos desses clássicos juvenis ou infantis não foram escritos para isso. Eles viraram infantis depois. Em relação a *Alice*, eu não fiz uma adaptação; fiz uma tradução. Agora, uma tradução que traduz também a cultura. Ele [*Lewis Carroll*] faz várias referências a elementos da cultura britânica daquela época, final do século XIX. Então, para traduzir para o Brasil, tenho que fazer alguma coisa que a criança brasileira entenda. É uma adaptação infantil. Se eu estivesse traduzindo *Alice* para o adulto,



então tinha que pôr nota de rodapé, um grande prefácio, explicando que “naquele tempo, quando se dizia tal coisa...”, o que seria uma chatice. Ou então substituo por uma brincadeira ao alcance da criança brasileira, para ela entender a graça. Então, é uma tradução adaptada à criança brasileira, mas sem resumir. A minha tradução de *Alice* é integral, mas com liberdade na adaptação das referências culturais, vamos dizer assim. Outras vezes, faz parte da tradução adaptar; por exemplo, quando há referência a cantigas de roda, ou elementos tradicionais, ou do folclore brasileiro. Tem que fazer algo ao alcance da criança que vai ler no Brasil. Mas tudo isso eu ainda considero tradução. Adaptação, por exemplo, foi o que fiz em *Os Cavaleiros da Távola Redonda*.

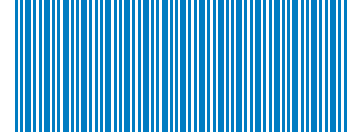
Veras: *E os quatro volumes de Histórias da Tradição Brasileira?*

Ana Maria Machado: *Aí são recontos. Ou eu conto baseado na minha memória, algumas histórias dessa série são assim; outras eu parti de um texto que estava lendo e o reconto.*

Veras: *Tendo domínio da língua inglesa suficiente para traduzir, como é quando você se lê traduzida em uma língua que você conhece? Você participa dessas traduções?*

Ana Maria Machado: *Cada caso é diferente. Por exemplo, algumas das traduções de obras minhas para o inglês foram feitas pela Luísa, minha filha, que domina o inglês muito melhor do que eu, porque morou na Inglaterra mais tempo do que eu, tem um casamento em que eles falam inglês. Ela traduz e eu nem participo. Esse é um caso muito especial. Tem outras traduções em que eu tive verdadeiras brigas com o tradutor; a ponto de não reconhecer, de não querer. Por exemplo, *Um Avião e Uma Viola* foi um caso desses: uma tradução para o francês que foi muito penosa para mim. Porque a própria pessoa que se apaixonou pelo livro e quis fazer a tradução era a dona da editora, e ela enveredou por um caminho em que tinha a palavra final, e transformou numa outra coisa, que perdeu a minha ludicidade completamente. Enfim, não dá para generalizar.*

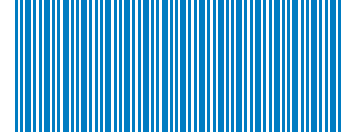
Veras: *Quería comentar um pouco sobre o livro Procura-se Lobo, de 2005. Ele tem uma coisa curiosa: traz comentários de obras que provavelmente o leitor infantil não conhece, como O Lobo da Estepe ou Mulheres que Correm com os Lobos. É uma piscadinha para o leitor adulto também? Quando você faz um livro infantil desse tipo, você pensa nesse leitor adulto intermediário?*



Ana Maria Machado: Eu não sei... você citou duas referências que não lembro de ter feito, nem *Lobo da Estepe*, nem *Mulheres que Correm com os Lobos*. Se tiver, é só porque isso veio na minha cabeça na hora de escrever, não foi consciente. Eu me lembro que a referência que eu pensei foi no Lobo de Gúbio, de São Francisco de Assis, [*um lobo selvagem que assolava a cidade de Gúbio e teria sido domesticado pelo santo*] e que está numa das origens dessa história. Quando primeiro pensei nesse livro, entre 1971 e 72, eu estava no exílio, morando em Londres, e o Pedro era pequenininho. Eu estava trocando a fralda desse meu segundo filho, e o Rodrigo, que tinha 4 anos, estava vendo televisão na sala. Quando eu chego com o Pedro no colo, vejo o Rodrigo chorando. Perguntei o que foi, e ele chorava porque estava vendo um documentário sobre lobos. Era um programa sobre vida selvagem, mostrava como a loba toma conta de todos, como os lobos vivem juntos... Ele disse: “Por que ficam falando do lobo mau? Essa loba é tão boa!” E eu percebi a visão ecológica dele em choque com o conto tradicional. Essa primeira coisa ficou ali muito forte. O embrião do livro ficou ali. Muitos anos depois, a Luísa, que é 16 anos mais moça que o Rodrigo, devia ter uns 3 anos. Nós fomos à Catedral de Petrópolis e quando entramos a Luísa agarrou minha saia e disse: “Vamos sair daqui, eu não quero ficar aqui”. Ela havia ficado assustada com o São Francisco com o Lobo de Gúbio no vitral. Essas duas imagens ficaram, e eu não sabia que iam virar livro. Depois, por causa de ter ouvido um rock do Lobão, veio a vontade de escrever um livro sobre os vários “lobos”. É sempre uma teia semântica.

Veras: *Como surgiu a ideia do romance Um Mapa Todo Seu, de 1998? Conta um pouquinho como foi descobrir essas duas personagens fantásticas, a Eufrásia Teixeira Leite e o Joaquim Nabuco? Demandou muita pesquisa escrever esse romance histórico?*

Ana Maria Machado: Um dia, um colega na academia, um confrade, o Sérgio Paulo Rouanet, quando acabou de ler *A Audácia Dessa Mulher*, que ele gostou muito, ficou comentando comigo várias vezes. Ele leu, releu e comentava sob ângulos diferentes. Um dia ele me disse: “Você é a pessoa perfeita para escrever a história da Eufrásia”. Aí eu perguntei: “Quem é Eufrásia?” Nunca tinha ouvido falar nela. Não sabia quem era, nem do que se tratava. Isso foi logo que lancei *A Audácia Dessa Mulher*. Ele me disse: “Eufrásia Teixeira Leite foi a namorada do Nabuco”. Eles tinham tido um namoro longo e não tinham se casado, era um certo mistério. Aquilo me chamou atenção e saí procurando material sobre ela. Era muito difícil, tinha muito pouca coisa. Na Fundação Joaquim Nabuco tem algumas cartas dela que sobraram,



mas poucas, não chegam a duas dezenas. E dele para ela tinha praticamente nada, quase nada. Em lugar nenhum se via. Depois eu soube da história de que ela mandou forrar o caixão com as cartas dele, que ela nunca devolveu, e que foram enterradas lá. Enfim, saí pesquisando tudo o que tinha e comecei a escrever, porque realmente fiquei fascinada com a história. Tive dificuldade de continuar. Estava muito ocupada, interrompendo muito. Nem sei se foi porque fui presidente da academia, me lembro que a academia me solicitava muito, e eu interrompia, sem poder fazer uma coisa seguida. Quando retomei quatro, cinco anos depois, de maneira mais consistente, mudei o enfoque, mudei a estrutura, comecei de outra maneira. Aí o livro foi em frente.

Veras: *Chegou a escrever uma parte e depois mudou a estrutura? Teve que reescrever do começo?*

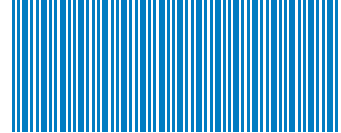
Ana Maria Machado: É, eu comecei do começo, mas aproveitei a ideia, o que já tinha elaborado... Estava interrompido, mas isso em alguns romances meus eu fiz. Deixo de lado, volto, às vezes aproveito um pequeno pedaço só. A ideia veio do Rouanet e eu fiz pesquisa, tive tentativas diferentes. Mas quando fui escrever da segunda vez, já tinham sido publicados uns três livros de historiadoras mulheres sobre a Eufrásia, e isso ajudou na escrita. Eu sempre deixo descansar um pouco... E comentei sobre o livro na academia com o Evaldo Cabral de Mello, que é historiador, e pedi que ele fizesse uma leitura atenta, me chamando atenção para absurdos, para o que não podia ser etc. Dois dias depois, ele veio me dizer que tinha lido sem conseguir parar. Tinha ficado fascinado. E achava que era a primeira vez que via uma hipótese absolutamente plausível, que fazia sentido o porquê de eles não terem se casado. Ele leu os originais e aprovou. Fez uma correção pontual sobre o pai do Nabuco.

Veras: *O livro é absolutamente incrível. E as personagens são muito à frente do seu tempo. Ela, mais ainda...*

Ana Maria Machado: O Nabuco eu já tinha lido muito, quase toda a obra dele, lido e relido o livro sobre o pai, *Um Estadista do Império*, que é um retrato do Segundo Reinado muito forte. O Nabuco escrevia muito bem. Eu já admirava o Nabuco e conhecia bem. Ela é que eu não conhecia.

Veras: *Eu queria também passar a outro livro, De Carta em Carta...*

Ana Maria Machado: O *De Carta em Carta* é de maturação longa. A primeira vez foi no México, quando eu vi uma praça onde se juntavam



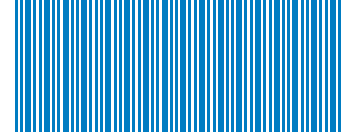
peessoas que escreviam cartas. Esse livro nasceu com um título: “Me Alugo para Escrever”. Só que, em seguida, eu vi que o Gabriel García Márquez tinha um *Me Alugo para Sonhar*. Aí eu disse: “Ah, então já foi”. Larguei. Em outra viagem, tempo depois, acho que quando gachei o Prêmio Andersen e fui a Cartagena, lá também tinha um lugar onde pessoas se alugavam para escrever cartas. Eu fui à praça, vi isso, conversei um pouco com elas e aí a ideia voltou e tomou forma depois de incubada.

Veras: *E esse livro tem histórias interessantes que você conta no Rastros e Riscos, por exemplo, de ter provocado reconciliações entre avós e netos. E o trabalho do Nelson Cruz é especialmente bonito. No caso desse livro, por exemplo, chegou a acompanhar a feitura da ilustração?*

Ana Maria Machado: Ilustração, em geral, quem escolhe é o editor. No máximo, por minha relação privilegiada com os editores, consigo dizer “este não”, “esta não”. Nem sempre é possível. Eu gostaria de ter feito muito mais livros com a Elizabeth Teixeira, gosto imensamente do trabalho dela. Acho que combinamos bem. Ela tem um traço delicado, trabalha com aquarela, tem um clima muito próximo do que imagino para crianças pequenas. E desenvolve narrativas paralelas nas ilustrações, um quadro na parede que conta outra coisa, um bichinho que anda... Vai completando a história de maneira própria, e isso acrescenta muito. Tem um livro nosso que eu amo, *Abre o Caminho*, em que ela faz um trabalho muito bonito. Eu começo dizendo: “No meio do caminho de Dante tinha uma selva escura”. Ela faz uma página dupla disso. Vira a página: “No meio do caminho de Carlos tinha uma pedra”. Ela entende perfeitamente. Esse Carlos é o Drummond. Mas nem sempre consegui trabalhar tanto com ela quanto queria. O ilustrador que eu escolhi e foi até o fim, que lembro, foi o Claudius, na coleção *Mico Mané*, porque o projeto foi desenvolvido junto. Foi uma parceria.

Veras: *E o livro com o Ziraldo, Ponto de Vista?*

Ana Maria Machado: *Ponto de Vista* foi a editora que me encomendou um texto específico para o Ziraldo ilustrar. Era uma data redonda dela na editora e eles queriam fazer três livros em homenagem a ele, um da Ruth Rocha, outro do Pedro Bandeira, outro meu, e ele ilustraria os três. Eu já tinha feito *Fora da Arca* com ele em outra editora. Nós conversávamos muito sobre *Ponto de Vista*. Quando fiz, ele já sabia que era algo que eu pensava, e gostou muito de como desenvolvi.



Veras: *Em geral você entrega o texto e depois aguarda as ilustrações, não é? Teve algum caso contrário, de trabalhar sobre uma imagem prévia? Pensei naquele livro seu com Portinari.*

Ana Maria Machado: Fiz quatro livros com artistas. Tenho dois com Portinari: *Dom Quixote* e *Portinholas*. Tenho um com Volpi e outro com arte popular. Em todos parti do que já existia e inventei a história. Mas não trabalhei com eles; trabalhei a partir de quadros prontos.

Veras: *Sobre seus livros juvenis, vou pedir que faça uma “escolha de Sofia”: dentre seus juvenis, há algum que te toca especialmente?*

Ana Maria Machado: Não tenho certeza, mas, se tivesse que escolher um agora, seria *Do Outro Lado Tem Segredos*, um livro de 1978. É sobre minha memória de Manguinhos, no Espírito Santo, onde passei férias quando criança. Meus amigos, filhos de pescadores, minha relação com aquele lugar... O próprio menino protagonista, o Bino, Benedito, era um menino com quem eu brincava. Acho que seria este.

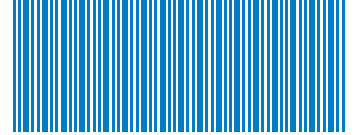
Veras: *Passando aos seus contos agora, especialmente do livro Vestígios, fiquei curioso com alguns contos, como o primeiro, “Estações”, sobre um pai e um filho jornalista. Seu pai também era jornalista. Há algo autobiográfico ali?*

Ana Maria Machado: Esse conto é quase todo autobiográfico. São meu pai e meu irmão.

Veras: *A história do ovo aconteceu mesmo?*

Ana Maria Machado: A história do ovo aconteceu [um truque de mágica que o pai, no conto, faz tempos atrás e que se liga ao evento narrado na história principal do conto]. E a do reencontro no Canadá aconteceu com os dois. Meu pai estava num lugar, meu irmão em outro; combinaram se encontrar numa cidade intermediária, entraram num restaurante e lá encontraram um brasileiro. O que é inteiramente inventado é a irmã do dono do restaurante e os quadros sobre as estações. Nesse conto eu estava jogando com estação do ano, estação de trem, estação da vida... Só muito depois percebi que há uma série de quadros do Mark Rothko na Tate Gallery, chamada *Seasons*. Eu já conhecia quando escrevi, mas não lembrei na hora.

Veras: *Sobre contos, imagino que eles surjam de lampejos, inspirações. Em “Tratantes”, por exemplo, sobre uma avó e sua neta, há também referências autobiográficas?*



Ana Maria Machado: Não. “Tratantes” não. Tem impulso autobiográfico, mas não meu como avó, e sim como observadora da relação da minha mãe com a minha filha.

Minha filha, com uns 4 anos, chegava na casa da minha mãe e ela dizia: “Vem aqui passar tratante no meu pé” (porque minha filha chamava hidratante de “tratante”). Minha mãe achava graça; era um carinho que faziam. Mamãe já estava doente. Essa palavra “tratante” é o germe do conto. Os contos de *Vestígios* foram escritos ao longo de 20 ou 30 anos. Um dia percebi que tinha um número de contos suficientes em torno do mesmo tema: família.

Veras: *Você sempre esteve envolvida com o universo do livro: autora, editora, livreira. Como vê a evolução do livro? Você usa Kindle? Gosta? Os formatos híbridos te preocupam? Ou o livro está garantido?*

Ana Maria Machado: Não me sinto autorizada a generalizar. Não tenho Kindle. Leio livro. Dobro a página para voltar depois, se não puder anotar. Leio com lápis, quando é ensaio. Ficção, não, raramente escrevo no livro. Gosto muito de reler. Sou leitora de papel. Vou sempre a livrarias. Nunca comprei livro online, nem fiz compra online. Sou muito tradicional nisso.

Veras: *Você gosta muito de reler? Quais autores estão sempre na sua mesa de cabeceira?*

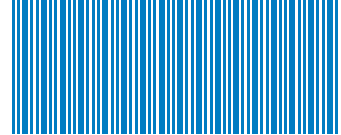
Ana Maria Machado: Estou sempre relendo poetas: ontem mesmo estava relendo Drummond. Releio sempre Drummond, Pessoa, Bandeira. De prosadores, releio muito Camus: é novo cada vez que leio. Releio muito Philip Roth também, um autor inesgotável, mas ele hoje é muito politicamente incorreto, atacado por feministas, por todos os lados. Andei relendo outro de que gosto muito: Érico Veríssimo.

Veras: *O que você releu recentemente dele?*

Ana Maria Machado: Reli *O Tempo e o Vento* porque minha filha estava lendo e comentando comigo. Agora peguei *Incidente em Antares* para reler; gostei muito e nunca reli. Outro que releio muito é Rubem Fonseca: me dá uma coisa, ele pega na veia da linguagem brasileira contemporânea. Rubem Braga sempre. Esse é de cabeceira.

Veras: *Você lê vários gêneros simultaneamente ou um por vez?*

Ana Maria Machado: Simultaneamente. Leio antes de dormir, no carro... Se o livro cabe na bolsa. No momento, estou lendo simultaneamente *Imortalidades*, do Eduardo Giannetti, e *Dança de Enganos*, do



Milton Hatoum. Outra coisa que desenvolvi com a idade: não insisto mais num livro que não me pega. Se pego e já esqueci onde parei, o que aconteceu... não perco mais tempo.

Veras: O Daniel Pennac diz que entre os direitos do leitor está o direito de abandonar um livro a qualquer página...

Ana Maria Machado: Abandonar, é. Mas só me senti suficientemente segura para isso recentemente, nos últimos dez anos.

Veras: Para finalizar: você comenta sobre seus projetos atuais? No que está trabalhando agora?

Ana Maria Machado: Não estou em nenhum projeto. Tenho um arquivo onde ponho coisas soltas, lembranças de pessoas que conheci. São encontros marcantes. Não sei se virarão livro, ou se um deles vai crescer, virar ficção... O mês que vem faço 84 anos. Meu projeto é ficar viva com saúde. Faço exercício, convivo com amigos, fico com a família, vou ao médico, faço consultas, exames direitinho. Procuo cuidar de mim, dos afetos, viver junto à natureza, que me alimenta.

Veras: Você tem algum refúgio fora do Rio?

Ana Maria Machado: Tenho, no Espírito Santo, em Manguinhos, onde minha mãe tinha casa, meu avô tinha casa. Tenho uma casinha de praia num pedaço do terreno da minha mãe. Dividimos uma horta, essas coisas. Vou sempre que posso; devo ir agora em dezembro e ficar quase até março. E no Rio também moro perto da praia, caminho na beira-mar. E tenho uma varanda com plantas, uma pitangueira com mais de 20 pitangas no momento. Gosto de mexer na terra, cultivar, dentro do possível.

